

# O que pode um corpo? Narcisismo, virtualidades e construção de si

*What can a body do? Narcissism,  
virtualities and self-construction*

**Flora Fernandes Lima**

## Resumo

Pretende-se nessa análise, por meio de revisão bibliográfica, investigar possíveis caminhos percorridos para a construção subjetiva de corpo pelos sujeitos quando em interações sociais mediadas pela virtualidade, vislumbrando em que sentido essa subjetividade se desvenda como expressão de uma sociedade com valores narcisistas. Adota-se como ponto de partida para compreensão o ponto de vista dialético proposto por W. Reich (1977) das interações entre homem e sociedade. Nesse sentido, há a tentativa de reconstituição de um cenário social eminentemente narcisista (LARSCH, 1983) e atravessado fortemente por técnicas, tais como a virtualidade (RANGEL e CALIMAN, 2014), cujas reminiscências acabam por influenciar a maneira como as pessoas sentem e constroem os próprios corpos (FAVRE, 2007). Acredita-se que a construção de si mediante tal tendência narcísica pode ser superada por meio do agenciamento de encontros e afetividades com o auxílio de instrumentos da virtualidade.

## Palavras-chave

Corpo, Redes Sociais, Narcisismo.

## Abstract

*In this analysis, through a bibliographic review, it is intended to investigate possible paths taken for the subjective construction of the body by the subjects when in social interactions mediated by virtuality, envisioning in what sense this subjectivity unfolds as an expression of a society with narcissistic values. The dialectic point of view proposed by Reich (1977) about interactions between man and society is adopted as a starting point for understanding. In this sense, there is an attempt to reconstitute an eminently narcissistic social scenario (LARSCH, 1983) and strongly crossed by techniques, such as virtuality (RANGEL and CALIMAN, 2014), whose reminiscences end up influencing the way people feel and build their own bodies for themselves (FAVRE, 2007). The construction of oneself and one's own bodies through such a narcissistic tendency can be overcome through the agency of encounters and affection through instruments of virtuality.*

## Keywords

Body, Social networks, Narcissism.

**Flora Fernandes Lima**

**Prefeitura Municipal de  
Teresina**

Psicóloga clínica. Mestre em Comunicação Social (Universidade Federal do Piauí), Especialista em Psicoterapia Corporal (CENSUPEG), Especialista em Psicologia Jurídica (CEUT). Psicóloga com atuação na área comunitária e social (Prefeitura Municipal de Teresina).

[flora.flima@gmail.com](mailto:flora.flima@gmail.com)

## Introdução

É objetivo desse estudo analisar alguns dos possíveis caminhos percorridos para a construção subjetiva de corpo pelos sujeitos quando em interações sociais mediadas pela virtualidade, e vislumbrar em que sentido essa subjetividade se desvenda como expressão de uma sociedade com valores narcisistas.

Adota-se aqui, como ponto de partida para compreensão da dinâmica do homem e sua energia pulsional em interação com a sociedade, o posicionamento de Wilhelm Reich sobre suas interações. Reich defende que o homem nasce livre e é posteriormente aprisionado por meio da repressão de suas pulsões eróticas, conforme necessidade demandada pelas formas de organização econômica. As condições de repressão decorreriam justamente da forma de organização social implicada economicamente (BARRETO, 2000).

A análise subjetiva e de caráter é entendida, dentro do campo da clínica bioenergética, como “história congelada” que se manifesta corporalmente. As resultantes dos conflitos entre os impulsos naturais do organismo da criança e restrições que a sociedade impõe resultam, sob esse ponto de vista, como um processo singular de encouraçamento. A história individual do corpo é vista também por Boggio (1999), ao revisitar os conceitos reichianos, de forma atrelada à história social.

Reich, ao buscar alternativas para o que considerava uma espécie de determinismo freudiano para compreensão das dinâmicas sociais, encontra na sociologia marxista outra via de compreensão entre a natureza humana e as influências sociais. Para ele, forças morais e de vinculação social, por estarem totalmente ligadas às condições materiais e econômicas, modificam-se juntamente com elas. Sob sua perspectiva, o sofrimento decorrente de repressões pulsionais deixa de ser inevitável, como pressupõe Freud ao achar que esse é o preço por se viver em sociedade. Haveria a possibilidade, então, de que em dadas condições de organização social as pulsões pudessem ter outras destinações que não a repressão. Os processos subjetivos seriam vinculados à maneira como se organizam as relações sociais ao longo do tempo, conforme aponta Reich (1977), como uma tentativa de adaptação às novas realidades sociais conforme estas se apresentam.

A relação consigo mesmo por meio do próprio corpo é, portanto, também um vínculo constantemente atravessado pela dinâmica social e histórica à qual se pertence e cujas mudanças implicam igualmente novas formas de percepção e necessidades relativas a esse corpo, formando e transformando diferentes maneiras de existir (FAVRE, 2004).

A partir destas reflexões, busca-se abordar com o uso de revisão bibliográfica aspectos referentes à constituição subjetiva e de corpo construída nas atuais condições sociais, tendo como recorte específico sua manifestação por meio de redes sociais. Nesse sentido, parte-se da tentativa de reconstrução do percurso de construção de um cenário social eminentemente narcisista (BIRMAN, 2011); (WANDERLEY, 1999); (LARSCH, 1983), cenário atravessado fortemente por técnicas tais como a virtualidade (RANGEL e CALIMAN, 2014), cujas reminiscências acabam por influenciar a maneira como as pessoas sentem e constroem os próprios corpos para si. São subjetividades, de maneira, geral, essencialmente vinculadas à imagem que têm si mesmos, bem como nas repercussões sociais que essa imagem pode vir a performar (SIBILIA, 2007).

As concepções de Favre (2007) e Boggio (2015) a respeito da constituição de corpos mediante “fast forms” (modelos mais rápidos de serem assumidos como parâmetro por já encontrarem-se prontos) e subjetividades luxo/lixo (subjetividades valorizadas ou não) são adotadas

por apresentarem categorias de pensamento que abordam representações atuais de muitas das características sociais, históricas e políticas sobre esses corpos. São subjetividades que muito se expressam e se constroem pela mídia, utilizada com frequência como parâmetro do que é aceitável e desejável e que entendem ser possível sanar muitas de suas angústias e faltas por meio do consumo. Ao analisar aspectos desse diálogo entre o corpo e o social, entende-se que são identificadas vias alternativas para certa reapropriação de si, de formas de vida mais ligadas aos corpos e não à imagem deles (BOGGIO, 2015).

Por se entender o processo de constituição corporal como algo indissociável do contexto social (REICH, 1977), o primeiro tópico proposto aborda o percurso de construção desse cenário a partir do recorte socioeconômico e com enfoque nas suas relações com o campo midiático. Em seguida, no segundo tópico, abordam-se alguns dos aspectos referentes à constituição corporal associada a subjetividades em diálogo com produtos midiáticos, tendo em vista o apelo ao fortalecimento de questões narcísicas que essa interação reforça. O terceiro tópico busca demarcar propostas e possibilidades de apropriação, ou reapropriação de si associadas a maior valorização das trocas afetivas, em detrimento das tentativas de performance social por imagens.

### As trilhas corporais de um mundo narcisista

Uma vez que o padrão neurótico em qualquer época reflete a ação de forças culturais no âmbito particular (LOWEN, 1983), as mudanças sociais ocorridas de maneira mais acelerada nas últimas décadas também se refletem no fazer diário. Assim se referia Lowen aos novos padrões observados em sua prática clínica nos anos 1980 e que descortinavam o aumento de padrões de comportamento e corpos narcisistas. No cerne dessa análise, o autor aborda o declínio da existência de neuroses antes presentes na sociedade vienense à época de Freud. Quadros sintomáticos de culpas, ansiedades e fobias, por exemplo, decorrentes do recalque à sexualidade oriundo de rígidas estruturas de classes e intensa moralidade, haviam perdido a prevalência nos quadros clínicos manifestados. As novas demandas rotineiras da época da construção de seu estudo sobre o narcisismo, tais como depressão e vazio interior, enquadravam-se em um cenário cultural em que se observava uma crescente desintegração da autoridade dentro e fora do lar e maior liberdade sexual.

Mendes e Prochnó (2004) reforçam a validade da perspectiva de Lowen (1983), ainda no cenário atual, ao apontar a presença frequente da tendência ao super- envolvimento com a própria imagem e preocupação com o corpo, indicando que o cenário antes por ele demonstrado ainda encontra repercussões contemporâneas. O investimento na própria imagem conforme padrões de beleza socialmente estabelecidos ainda se consolida como importante via de reconhecimento do sujeito por seus pares (MENDES E PROCHNÓ, 2004). Birman (2011), ao também discorrer sobre novas formas de subjetivação na atualidade, destaca aspectos tais como o desaparecimento da alteridade como valor e a ascensão de uma visão individualista do mundo, além da constante busca pela estetização da existência e tentativas frequentes de exaltação gloriosa do próprio eu.

Para compreensão do panorama das atuais formas de interações sociais, Lipovetsky (2005) aborda o início do período conhecido como modernidade, dado em meados do século XIX, após a revolução industrial, e que sinaliza a gênese de um homem marcado pelo individualismo. Elenca como traços desse momento de transição o enfraquecimento da sociedade e dos costumes, fortalecimento do consumo de massa e emergência de uma maneira diferente de socialização e individualização. A hipermodernidade a que se refere é na verdade uma radicalização dos fundamentos da

modernidade caracterizada sobremaneira pelo hipernarcisismo e hiperconsumismo. Lipovetsky caracteriza como sociedade de hiperconsumo a atual forma de organização e relações sociais onde há a exacerbação de objetos, informações, mensagens e imagens (principalmente aquelas de caráter publicitário) (CANIATO; NASCIMENTO, 2010).

Favre (2007) toma como ponto de partida importante para compreensão das recentes trilhas de ajustamento da subjetividade, e do corpo, a resultante das alterações sociais observadas no período após a Segunda Guerra Mundial em que a imersão em contexto nascente de consumismo, obsolescência programada e ideal de busca de progresso teriam conduzido a novas formas de relações sociais e conseqüentemente com o próprio self. A autora argumenta haver nesse período um cenário que demanda a necessidade de criação e ajustamento de um novo eu não mais compatível com estruturas rígidas autoritárias.

Em uma segunda etapa de grande desenvolvimento econômico, denominada de “sociedade da abundância”, ocorrida por volta de 1950, inaugura-se o consumo de massa propriamente dito e o sistema de crédito é implantado. Alguns bens de consumos como lazer, férias e moda tornaram-se opções mais acessíveis. O consumo passa a ser realizado, em parte, com objetivo de diferenciação e status social para haver apreciação das demais pessoas (CANIATO; NASCIMENTO, 2010).

Tal transição social, também apontada por Lipovetsky (2005), foi demarcada pela ruptura em modelos de comportamento e organização mais austeros e direcionados para o dever e o trabalho, até então característicos da modernidade. Abre-se, aos poucos, espaço para uma organização social voltada para realização de desejos, inflados em grande parte pela mídia e propaganda, em que a noção de subjetividade individualizada e independente também ganha forças. Nesse aspecto existem afinidades que Larsch (1983) conceitua como cultura do narcisismo, ao chamar a atenção para o fortalecimento de uma onda de forte motivação hedonista capaz de influenciar a forma como as sociedades se organizam, bem como seus valores e ideais amplamente disseminados midiaticamente (WANDERLEY, 1999). Para se pensar em como se dão as constituições corporais nesse processo, torna-se importante refletir como se dá o diálogo situado entre corpo/subjetividades e produtos midiáticos nesse contexto.

## Imagem do corpo e mídia

Favre (2007) considera que produtos midiáticos, como filmes produzidos em Hollywood por exemplo, ajudaram a construção de padrões de beleza, bem como a consolidação de novos hábitos de consumo e estilos de vida identificados com o “american way of life”, os quais indicariam a presença da influência da mídia no multideterminado processo de construção do self.

Já nos anos 1960 a modelagem subjetiva também ganha o reforço de elementos da contracultura, que representam o movimento de rompimento com estilos de vida anteriores. A ruptura com um modelo de organização social comprometido com a hierarquia, valores familiares e trabalho está vinculada à desconstrução de um corpo rígido e inserido em contexto de austeridade. A contracultura atua, juntamente com outros elementos de flexibilização da ordem social até então imposta, ainda de acordo com Favre (2007), na desconstrução e alternância da primazia antes dada à repressão como importante elemento social para a sensação de falta, falta esta compatível com as novas necessidades nascentes de preenchimento via consumo e capitalizada pela estimulação da busca pela saciedade dos desejos.

Larsch (1983) assinala, dentro do contexto norte-americano, o recuo dos sujeitos para preocupações puramente pessoais após decepcionarem-se com a ebulição política dos anos 1960. A disposição à dedicação da vida por um ideal social transformou aos poucos a busca pela própria sobrevivência física e psíquica como um fim em si mesmo, lançando um horizonte conveniente à constituição narcísica. Trata-se, segundo ele, de pessoas marcadas pela superficialidade emocional, medo da intimidade, hipocondria, falsa autopercepção, promiscuidade sexual, horror à velhice e à morte. Não apresentam esperanças quanto a mudanças no futuro, desprezam o passado e dedicam-se a viver o tempo presente. São pessoas que tentam, tanto quanto possível, preencher suas carências e vazios emocionais através do consumo (WANDERLEY, 1999).

A partir das últimas décadas do século XX, tem início o “consumo emocional”, caracterizado pela hiperindividualização da demanda, que pretende preencher lugar de experiências afetivas, imaginárias e sensórias. As motivações individuais superam o desejo de ostentar e a função do consumo atinge um nível mais profundo, a tentativa de encontrar a si mesmo. O ato de consumir se encarrega de uma função identitária, por meio da qual o hiperconsumidor irá conferir sentido ao mundo que o rodeia e à própria existência.

A busca por signos de distinção social não sumiu, mudou de forma e subjetivou-se: “O consumidor emocional ainda quer impressionar e obter admiração, porém o que mais lhe importa é a imagem que pode construir de si mesmo por meio desses signos”. (CANIATO; NASCIMENTO, 2010). Assim, o sujeito desse contexto tem a tendência, de através do consumo, procurar um meio para o fortalecimento do ego e realização de seus desejos de forma rápida.

Lasch (1983), ao caracterizar o conceito de cultura do narcisismo, associa sua gênese ao declínio do que denomina “sonho norte-americano”, expandido também para outras culturas, de realização e felicidade pessoal. As crises e o crescimento das desigualdades sociais intensificaram o discurso neoliberal da busca individual pela felicidade, alcançada pelo êxito no trabalho e aquisição de bem-estar material em detrimento do coletivo.

Já em momento temporalmente mais recente, a mídia e especificamente as redes sociais conformam-se como instrumentos fundamentais para delimitação de individualidades com acréscimo de grande demanda de elogios e atenção. Sibilia (2007) discorre sobre como as redes sociais, a respeito dessas novas formas de conformação subjetiva, viabilizam a reelaboração das narrativas de si, além de evidenciar um constante congelamento do presente: capturado por meio de imagens e textos nesses ambientes. Essa autora evidencia que tais novas práticas de vivenciar cotidiano e sociabilidades pavimentam a inserção desses sujeitos em um novo espaço de construção de significados e expressão de ações e pensamentos.

A construção de si passa a direcionar-se conforme uma maneira de existir que prioriza a exterioridade e superficialidade para obter satisfação com a admiração que provoca no outro (BIRMAN, 2011). Tal reconhecimento, feito em decorrência de imagens de si e dado à admiração do outro, passa necessariamente também pela imagem do corpo e pelo reconhecimento desse corpo como moeda de valor, processo feito com grande viabilidade em redes sociais.

Dentro desse direcionamento, a mídia se destaca como importante instrumento, em meios de comunicação em massa ou outras plataformas de comunicação, fortalecendo a definição de cultura da imagem, conforme pontua Birman (2011). A atenção excessiva com a própria imagem e alto valor investido na aparência apresentada socialmente encontra importante

suporte no universo das redes sociais e valoriza sobretudo a importância da imagem apresentada por esses sujeitos.

Serve de auxílio para a compreensão dessas questões o conceito de sociedade do espetáculo proposto por Debord (1997) ainda nos anos sessenta do século XX, cujo escopo trata de uma crítica teórica que buscou ressignificar algumas das ideias marxistas sobre consumo, sociedade e capitalismo. Em seu entendimento, as sociedades se expressariam por meio de uma imensa apresentação de espetáculos, foco do olhar iludido e da falsa consciência, em que as imagens se fundem de tal forma que a verdade da vida não pode ser restabelecida.

Não se trata apenas de um conjunto de imagens em forma de espetáculo, mas de relações sociais mediatizadas por imagens e que proporcionam a tendência ao alheamento dos sujeitos mediante suas próprias necessidades, com consequente inviabilização da compreensão de sua própria existência e desejos. O objetivo desse alheamento seria na verdade a justificação das condições e finalidades do sistema econômico vigente. (DEBORD, 1997). O excesso de imagens, de espetáculo, seria a causa do distanciamento dos próprios desejos e necessidades; o sujeito aliena-se, portanto, de si mesmo.

O emprego do conceito de espetáculo torna-se mais factível ao se ter em mente os meios de comunicação mais potentes da época em que foi elaborado, tais como televisão e cinema. São meios considerados vitrines por excelência do espetáculo em que a possibilidade de ser capturado por uma sucessão de imagens que tomam espaço do olhar sobre a realidade torna-se mais palpável (BELLONI, 2003).

A noção de espetáculo a que o autor se refere perpassa também a noção de individualidades e relações sociais, já que as formas de se relacionar seriam também cada vez mais encenadas mediante o uso de máscaras ou personas sociais. Ainda sobre imagens criadas de si mesmo cabe trazer a pontuação de Birman (2011) de que esta é “condição sine qua non para o espetáculo na cena social e para captação narcísica do outro. A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode se realizar” (BIRMAN, 2011, p. 201). Depreende-se então que as formas de relação sociais são impactadas diretamente pelo fortalecimento do discurso imagético, capturadas e conduzidas por imagens e representações, o que causa empobrecimento e anestesia diante da vida cotidiana.

As críticas ao modelo dão conta de que embora o conceito de sociedade do espetáculo tenha permanecido pouco conhecido durante o período em que foi formulado por Debord, a sociedade foi se tornando tão espetacular que o conceito acabou se mostrando pertinente para a compreensão e elaboração de uma teoria da sociedade contemporânea. Em uma percepção ainda que confusa e fragmentada, de acordo com Belloni (2003), Debord conseguiu apontar um novo fenômeno representado pela produção industrial da cultura potencializada pelos avanços tecnológicos, representando grande impacto para a vida cotidiana e estruturas simbólicas da sociedade. O olhar voltado para as conexões entre técnicas/tecnologias e cultura enlaça na verdade sua preocupação por ser uma expressão do campo político. Em sua opinião a passividade decorrente da captura dos sujeitos pelas imagens ao seu redor deveria, na verdade, ser vista com cuidado.

É possível pensar nas implicações sobre o corpo que perpassam campos políticos e econômicos, fazendo-se uso do raciocínio de Favre (2007) a respeito dos processos de formação somáticos. A autora entende os sujeitos como formas embriogenéticas, dotadas de dinâmicas biológicas próprias, que são capturadas e moldadas somaticamente desde seu princípio por influências advindas do que denomina mundo pós-moderno. São corpos que se veem frente a formas e modos de funcionamento “pré-

fabricados testados pela seleção do mercado, manipulados por pesquisas de opinião e suportados por tecnologias criadas pelas mentes mais brilhantes” (FAVRE, 2007, p. 15).

Favre (2007) propõe que essas formas moldantes ocupam espaços da nossa percepção e se oferecem para produzir a ilusão de inclusão nesse mundo, modelando além das formas somáticas nossos desejos e futuros das conexões afetivas. Denomina-as de “fast forms”, modelos mais rápidos de identificação como parâmetro por já estarem prontos, e que aparentemente poupam o esforço de trilhar e escolher sozinho a partir da elaboração individual dos acontecimentos, com potencial para nos afastar da autenticidade dos nossos desejos.

A ausência de tempo formativo ou ambientes confiáveis vem de encontro a uma sensação de desagregação dos corpos, típica de dinâmicas pós-modernas e dos fluxos de relações afetivas entre eles, em que a saída mais viável acaba se tornando a rápida identificação com “formas” identitárias já prontas como resposta a uma ameaça sentida em um nível biológico. A sensação de medo é intensificada pelo bombardeio de imagens da indústria de comunicação, imagens de inclusão, prestígio, exclusão, privação, violência, perda de propriedade e existência social que disparam reflexos de susto e imitação.

Essas maneiras de existir estão como que à venda e associadas a uma poderosa operação de marketing e associam-se como um território sólido e seguro para construção da vida como se afastassem uma sensação aparente de desconexão, fragmentação e morte resultantes da nossa ausência de autorreferência e desamparo. Também as identidades se tornam algo possível de ser consumido em nome da busca do alívio de angústias existenciais. O alto nível de atenção mobilizado pelas técnicas de comunicação aumenta, ainda segundo Favre (2007), o potencial de identificação com as fast forms de maneira a alimentar seu funcionamento como máquina modeladora de sentidos nos corpos, concretizando e condensando valores do capitalismo contemporâneo.

As relações mediadas por imagens enlaçam com grande adequação o caráter narcisista e o “simulacro que perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade e do que é real” (DEBORD, 1997). Ao construir a possibilidade de uma nova percepção de realidade através das plataformas da mídia, auxilia na produção e manutenção de um imaginário embutido de valores de autossatisfação e ausência de limites, em que a força das aparências favorece a adaptação e disseminação de sujeitos cujas personalidades e percepções de si são moldadas conforme sejam socialmente valorizados.

A discussão trazida por Boggio (2015) a respeito de “subjetividades luxo” e “subjetividades lixo” pode ser usada para complementar o conceito de fast forms de Favre (2007). As subjetividades luxo são subjetividades valorizadas socialmente cuja essência diz respeito à necessidade de ter e acumular para poder performar. São nesse sentido subjetividades “plásticas” e editadas conforme imagens formatadas com a intenção de manter o status de uma suposta identidade de elite. Essas identidades, ao serem adotadas, assim como as fast forms, funcionam como referência e parâmetro de pertinência, normatividade (estar de acordo com o socialmente aceitável) e consumo massivo.

Em outro polo, as subjetividades lixo, que se pensam a partir da experiência da subjetividade luxo, são representantes da experiência aflitiva de estar fora dos parâmetros eleitos como aceitáveis de subjetividade. Constroem-se material e imaginariamente em uma relação de falta e deficiência, gerando um ciclo de culpabilização por não se poder alcançar tais padrões. O constante medo de inadequação demarca inclusive critérios de exclusão/inclusão, passando a produzir um desejo de hegemonia e

extrapolando, portanto, tais processos de identificação rumo a um sentido político (BOGGIO, 2015).

### O que pode um corpo?

Os meios de comunicação em massa desempenham um papel importante na lógica binarista de personalidades luxo e lixo, ou ainda de personalidades socialmente aceitas e valorizadas em contraponto aquelas às quais tenta-se de toda forma evitar identificação. As fórmulas prontas de vida fomentam a necessidade insaciável de compensações ao medo da exclusão através da lógica de consumo de objetos, imagens informações, personagens, celebridades (BOGGIO, 2015). As redes sociais são, nesse sentido, via de transmissão e vitrine de padrões almejados e assumem também nesse percurso um lugar político e de transmissão de valores hegemônicos mesmo que, já em substituição aos antigos meios de comunicação em massa, essa transmissão não se faça apenas de um polo ativo a um polo passivo. Mesmo nessa teia compartilhada existem disputas hegemônicas e capturas subjetivas (BONIN, 2018).

O Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas mundialmente, faz grande apelo ao uso de recursos visuais e recentemente foi considerado a rede social que mais teria impactos negativos sobre a saúde mental de seus usuários (BBC, 2019). No estudo em questão, foi indicado que seu uso pode estar associado ao aumento da incidência da sensação de não adequação e baixa autoestima em jovens, tendo no fim da exibição de likes anunciado pela empresa, uma tentativa de reduzir a contínua sensação de competição que a plataforma poderia estar alimentando.

Pode-se entrever, portanto, que há nessa plataforma de rede social a presença de subjetividades luxo, captadoras de muitas curtidas e modelos de reprodução e múltiplos compartilhamentos. Fica fácil com o exemplo acima mencionado vislumbrar como o polo de subjetividade luxo, formas de viver apresentadas nesse espaço dentro de uma perspectiva hegemônica, demanda esforços constantes para sua manutenção e a impossibilidade de alcance e assimilação do mesmo parece vir permeada de medo e sensação de inadequação.

Recorre-se nesse ponto à perspectiva de Boggio (2015) para se fazer entender os sintomas como resultantes de mudanças contínuas em vastos e diversos territórios existenciais e que mudam de acordo com os agenciamentos de que participam. Nesse cenário, faz sentido a afirmação de Brocco (2014) de que dentro de uma sociedade capitalista produzem-se mercadorias e sintomas a ela específicos. O sujeito contemporâneo se moveria dentro da lógica de seu relacionamento com objetos-mercadoria, projetando valores de troca, valores de uso, onde tudo se torna produtos e estas soluções e fundamentos de suas carências e prazeres. Sendo assim, acredita-se que ao se ter em mente o conceito de fast forms, por exemplo, percebe-se que seu valor real é acrescido de um algo a mais que nem sempre corresponde à serventia. Essas formas, supervalorizadas, e que valem menos do que aparentemente custam financeiramente, também servem para encobrir e disfarçar ausências e carências implicadas pelo encontro com a realidade.

Conforme anteriormente mencionado, o capitalismo produz não apenas bens, mas estilos de vida, subjetividades e corpos aceitáveis. Ao mesmo tempo evoca nas pessoas um medo da exclusão cuja venda de “contornos existenciais” pode, falsamente, garantir a noção de aceitação e inclusão. Favre (2014) acredita ser possível superar essa situação de inércia e passividade quando esses corpos influenciáveis e suscetíveis começam a perceber ser possível influir na própria modelização, passando a ser agentes da produção de si e da produção do viver a diferença. Esses corpos

passariam a se perceber na medida em que se entendem como parte de um todo que engloba outros corpos, ambientes e histórias.

No intuito de buscar superar a necessidade de se enquadrar mediante modelos prontos, faz-se necessário recuperar a capacidade de agir e produzir sobre si mesmo com base no entendimento do funcionamento biológico e social (RANGEL; CALIMAN, 2014). É possível então pensar um processo de produção de si a partir de múltiplos componentes e, cabe dizer, que além de fatores biológicos, familiares, sociais, espaciais e de convivência na cidade, incluem-se, nessa síntese de construção de realidades, os meios de comunicação e novas tecnologias que marcam o sujeito-corpo, ou seja, aquele sujeito que busca apropriar-se de si mesmo a partir da teia de relações que estabelece.

Nesse sentido, os afetos criados nesses encontros permitem a dinâmica do fazer-se e refazer-se na presença de outros. É nos encontros que existe, portanto, a possibilidade de co-corporar, ou seja, aprender junto com outros corpos, objetos e ambientes o contato consigo mesmo. Tendo em vista a multiplicidade de elementos implicados nessa teia que demarca constituições subjetivas, as relações mediadas por internet são um elemento a mais que passam a interferir como elementos em um mesmo nível hierárquico, como as tecnologias da informação e comunicação, por exemplo, que ao participar dos processos de constituição subjetiva acabam também agindo ativamente (RANGEL; CALIMAN, 2014).

Tornar-se um sujeito corpo é, portanto, tomar a consciência de existência no mundo e perceber que dentro dessa relação que também age sobre ele dinamicamente, regulando-se e modelando-se conforme suas necessidades e resistindo às diversas capturas de fórmulas pré-prontas de existência, de corpo ideal, de vida ideal, de imagens e padrões a ser seguidos. Esse posicionamento vai na contramão da forma passiva de absorção de modelos de corpo, vida e afetos presentes nas fast forms já que demanda sair da inércia, para então adentrar-se outras possibilidades de vida por meio do contato consigo mesmo e aceitação do próprio corpo.

Boggio (2015) demarca a captura de produção de subjetividades como uma das estratégias mais eficazes de dominação social, um meio de produção de várias subjetividades iguais. Propõe-se então a ponderar formas de geração de encontros que viabilizem o pensar diferente e subversão desses meios de dominação como meio para reafirmar a potência vital de nossos corpos frente aos poderes que querem despotencializar nossas vidas. O autor indica, dentro de certa perspectiva de clínica com leitura social, a compreensão de que estar em relação é estar sempre afetado por outros corpos e é sempre pela ação de um corpo que outro se mobiliza ou entra em repouso. Boggio reafirma, assim, em parte, a perspectiva dialética da construção subjetiva apresentada por Reich (1977) em que as interações entre os diversos elementos constroem e reconstroem subjetividades.

Nesse ponto Boggio (2015) resgata a perspectiva do desejo como fruto de conexões entre vários elementos, pluralidades de forças e, portanto, diversidade. Aborda a possibilidade de conviver com o diferente como meio para criação de afetividades e corpos singulares que possibilitem subverter medidas de massificações subjetivas. A apropriação dos próprios desejos seria, na verdade, uma maneira de resistir e re-existir, ou seja, possibilidade de recriar-se, co-corporar-se na presença dos afetos.

É possível então pensar os espaços virtuais como elementos que participam como elementos de mediação de tais contatos, e em decorrência de vinculações afetivas, acabam nela também interferindo e consolidando a construção de si mediante uma perspectiva de multidimensionalidade (BONIN, 2018). Não significa que sejam relações simétricas e equivalentes, mas que podem ser entendidas mediante uma perspectiva dialética da

realidade, uma vez que se realizam em contextos históricos concretos – sendo constituídos e constituintes desses contextos.

Em período mais recente da história, as redes sociais inauguram um novo território de elaboração de afetos em que a passividade estruturada pela dinâmica de absorção de conteúdos televisivos e cinemáticos passa por uma realocação e é alvo de novas performances que colocam a mídia como meio de mediação comunicativa. Essa perspectiva, acredita-se, combina com a dialética da construção subjetiva trazida por Reich (1977), ao abordar interações entre materialismo dialético e psicanálise, uma vez que a construção subjetiva, e por consequência a construção da percepção corporal de si, ao serem atravessadas agora por uma nova técnica, também são atores de performances diferenciadas.

Esses espaços, portanto, não devem ser encarados apenas como meios a serem resistidos e subvertidos, para além disso, podem ser encarados como ferramentas de imposição simbólica. Existem neles possibilidades de vínculos por meio dos quais os sujeitos podem operar desvios de sentido de ressignificações e apropriações a serem incluídas na trajetória e vivências (BONIN, 2018). “Os corpos não são móveis no espaço. Tudo se faz no encontro dos corpos...” (FAVRE, 2014) e esses encontros agora apresentam um elemento constituinte a mais: o elemento da virtualidade.

## Considerações finais

As multiplicidades de formas de sentir, amar e pensar estão numa via oposta à subjetividade feita por meio de identificação. São na verdade importantes elementos de um campo que também é histórico e político e que implicam atravessamentos diante dos corpos a quem interligam (BOGGIO, 2015). É possível pensar e viver os corpos de um outro ponto de vista menos baseado em imagens e mais fundado na manifestação das intensidades afetivas (BOGGIO, 1999).

Como lembrete da história pela qual é atravessado, o corpo é sempre uma afirmação da vida e mostra em sua apresentação as marcas dos saberes, práticas sociais e estratégias biopolíticas de seu tempo. É lugar onde se passa a vida e se manifesta conforme uma sucessão de novas formas modeladas por emoções, sentimentos, ações e vivências e atravessamentos os mais diversos (BOGGIO, 1999)

Acredita-se que esse homem se encontra agora atravessado narcisicamente pela imagem e pelos valores construídos de si diante de tecnologias que primam essencialmente pela imagem e pelo espetáculo. Essa conjugação entre homem e veículos cibernéticos deixa também marcas no psiquismo e influencia o modo de pensar a si mesmo e a forma com que as pessoas se constituem enquanto corpos. Escancara o medo da não aceitação incentivado por uma divisão que demarca hegemonias e valores considerados possíveis, relegando as subjetividades “inadequadas” à invisibilidade e ostracismo social.

São corpos construídos dentro de parâmetros de dar-se a ver e constantemente alvejados por tentativas de capturas subjetivas que indicam proporcionar a alienação de si e dos outros através da própria imagem. A relação entre imagens perpassa dessa forma as próprias relações sociais e implicam o contexto narcísico e permeado por valores de consumo que fazem do próprio corpo, ou do corpo do outro, uma mercadoria a ser consumida. Tais disputas e agenciamentos fazem do corpo um constante estado de batalha (BOGGIO, 2015).

É possível, no entanto, manufacturar um ritmo próprio e nada associado à rapidez industrial das fórmulas rápidas de felicidade e satisfação, por meio do agenciamento de afetos e encontros na tentativa de, dessa forma,

subverter as convivências cotidiana e narcísicas de imagens de si performadas socialmente.

A tendência ao narcisismo e individualismo repercute na convivência com iguais e exclusão das diferenças, frutos de múltiplos tensionamentos e determinantes, favorecida em espaços virtuais, os quais primam essencialmente pela rápida circulação de imagens e mercadorias. Essa tendência, no entanto, pode ser subvertida uma vez que exista mais investimento nos afetos e que através da virtualidade, o sujeito possa construir a si mesmo na presença de outros possa proporcionar-se condições dialéticas de resgate da própria história registrada como corpo face a construções e reconstruções contínuas.

A ideia de Reich de que não é possível eliminar neuroses e tornar os homens saudáveis sem que se transforme a sociedade (BARRETO, 2000) explica boa parte do viés político presente em sua abordagem teórica. As neuroses, os sofrimentos orgânicos e psíquicos aos quais o homem está sujeito são em sua perspectiva, na verdade, resultantes das organizações econômicas e vínculos delas decorrentes e se alteram conforme também se alteram as estruturas sociais. Nesse sentido, mudar e construir o corpo na presença fortalecendo vínculos afetivos também implica mudar as estruturas sociais onde estão imersos.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 07/03/2021

**Aceito:** 03/05/2021

## Referências bibliográficas

BARRETO, A. **A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política de Wilhelm Reich**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2000.

BELLONI, M. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, s/v., n. 22, p. 121-136, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/TxVGXqDSP3vkp4LXgW5XcyN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2021.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOGGIO, G. **Arqueología del cuerpo. Ensayo para una clínica de la multiplicidad**. Montevideo: TEAB, 1999.

BOGGIO, G. **Cuerpo y subjetividades contemporáneas. Clínica bioenergética y esquizoanálisis**, s/v., s/n., 2015. Disponível em [https://www.academia.edu/11497032/Cuerpo\\_y\\_subjetividades\\_contemporáneas](https://www.academia.edu/11497032/Cuerpo_y_subjetividades_contemporáneas). Acesso em: 09 nov. 2021

BONIN, J. A. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, s/v., n. 43, p. 59-73, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/81094>. Acesso em: 09 nov.2021

BROCCO, P. D. B. Mal-estar e fetichismo entre Marx e Freud. **Revista do NIEP-Marx**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 2014. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/issue/view/3>. Acesso em: 09 nov.2021

CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 25-37, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200004). Acesso em: 09 nov. 2021.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAVRE, R. Viver, pensar e trabalhar o corpo como processo de existencialização contínua. **Rev. Reichiana**, v. 12, n. 13, p.75-84, 2004.

FAVRE, R. Um agenciamento conceitual para honrar e estimular a biodiversidade subjetiva: um modo político de ensinar e experimentar a Anatomia Emocional de Stanley Keleman. **Laboratório do Processo Formativo**, s/v., s/n., 2007. Disponível em: [www.laboratoriodoprocessoformativo.com](http://www.laboratoriodoprocessoformativo.com). Acesso em: 31 mai. 2020.

FAVRE, R. Corpar, nosso verbo principal. **Laboratório do Processo Formativo**, s/v., s/n., 2014. Disponível em: <http://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/> Acesso em: 26 mai. 2020.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2005.

LOWEN, A. **Narcisismo: negação do verdadeiro self**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

MENDES, E. D.; PROCHNO, C. C. S. C. Corpo e novas formas de subjetividade. **Psyche**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 147-156, dez. 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382004000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000200009). Acesso em: 09 nov. 2021.

RANGEL, P. M. V.; CALIMAN, L. V. Entre dedos e cliques: a internet móvel e a produção de subjetividade contemporânea. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 4, n. 3, p. 122-135, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/45540>. Acesso em: 12 jul. 2020.

REICH, W. **Materialismo dialético e psicanálise**. 2. ed. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1977.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

WANDERLEY, A. Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana. **Physis**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.31-47, 1999. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311999000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311999000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 julho 2020.